



## ARQUITETURA DE CONTRASTES: A MODERNIZAÇÃO DO MERCADO DOS PEIXES DO MUCURIBE (FORTALEZA - CE) E A FIGURA DO JANGADEIRO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

André Araújo Almeida<sup>2</sup>  
Edmar Mendes da Silva Filho<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo pretende lançar um olhar sobre as relações entre a modernização do Mercado dos Peixes do Mucuripe, parte do projeto de requalificação da orla de Fortaleza, Ceará, e a centenária comunidade jangadeira local. O trabalho descreve cronologicamente o processo de ocupação do Mucuripe, pontuando o surgimento dos primeiros agrupamentos jangadeiros, bem como sua relevância para a formação do espaço da região. Apresenta também a invisibilidade e as mudanças sofridas por esta comunidade no decorrer do avanço da área urbana ao longo da orla, que resultaram na atual Avenida Beira-Mar; e o impacto do atual Mercado dos Peixes junto aos pescadores. Para tal, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema e objeto de estudo. Os registros documentais foram feitos por meio de informações levantadas junto à Prefeitura, publicações jornalísticas locais e relatos do escritório Arcosanti Arquitetura, um dos responsáveis pelo projeto arquitetônico do atual Mercado dos Peixes. Também fez parte da metodologia adotada, a realização de uma roda de conversa com profissionais da arquitetura ligados ao assunto de forma a coletar reflexões teóricas e críticas sobre o tema. As percepções resultantes do presente estudo expõem como a arquitetura e o urbanismo pode servir como ferramenta de exclusão ou inclusão de comunidades tradicionais e de sua paisagem cultural aos processos de formação do espaço urbano contemporâneo.

**Palavras-chave:** Arquitetura e urbanismo, Comunidades pesqueiras, Paisagem Cultural; Mucuripe, Fortaleza - CE.

### ABSTRACT

This article intends to take a look at the relationship between the the modernization process of the *Mercado dos Peixes do Mucuripe*, part of the project to rehabilitate the Atlantic Ocean waterfront in Fortaleza, Ceará, and the centuries-old local raftsman community. The work describes chronologically the process of occupation of Mucuripe,

<sup>1</sup>Trabalho resultante de pesquisa do co-autor no âmbito da disciplina TCC 1 (Trabalho de Conclusão de Curso 1) do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIFOR - Universidade de Fortaleza, sob orientação docente do autor.

<sup>2</sup>Mestre e doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, docente na UNIFOR – Universidade de Fortaleza e no UNI7 – Centro Universitário 7 de Setembro, [andrearaujo.almeida@mackenzista.com.br](mailto:andrearaujo.almeida@mackenzista.com.br).

<sup>3</sup>Graduado em *Design* de Moda pela Faculdade Católica do Ceará – Grupo Marista. Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR, [edmemdesfilho@edu.unifor.br](mailto:edmemdesfilho@edu.unifor.br).



pointing out the emergence of the first groups of fishermen, as well as their relevance for the formation of local space in the region. It also shows the invisibility and the changes undergone by this community during the advance of the urban area along the shore, which resulted in the current Beira-Mar Avenue; and the impact of the current Fish Market building on fishermen lifestyle. To this purpose, bibliographical and documentary research was carried out. The research was made through information gathered from the Municipality of Fortaleza, local journalistic publications and registered speech by the firm Arcosanti Architecture, one of the responsible for the architectural project of the current *Mercado dos Peixes*. A round-table of conversation with architecture professionals involved with this theme was also part of the adopted methodology, in order to collect theoretical and critical reflections on the subject. The perceptions resulting from this study expose how architecture and urbanism can serve as a tool for exclusion and exclusion of traditional communities and its cultural landscapes in the processes of formation of contemporary urban space.

**Keywords:** Architecture and urbanism. Fishing communities, Cultural landscape, Mucuripe, Fortaleza-CE.

## INTRODUÇÃO

Característica da região nordeste brasileira, a pesca artesanal através da jangada é uma arte presente em diversas colônias de pescadores ao longo de toda a costa cearense. Embora de relativa baixa representatividade econômica, quando comparada com meios modernos de pesca que proporcionam maior produtividade e rentabilidade, a pesca de jangada ganha relevância no que se refere ao aspecto cultural e identitário. Porém, são grupos extremamente vulneráveis às novas dinâmicas da economia global, atuando não apenas em áreas urbanas, mas em quaisquer parcelas do território. De acordo com o *Relatório de Conflitos Socioambientais e Violações de Direitos Humanos em Territórios Tradicionais Pesqueiros no Brasil*, no Ceará “os cinco maiores conflitos se referem à especulação imobiliária, a empreendimentos turísticos, privatização das terras públicas, carcinicultura e instalação de parques eólicos.” (CPP, 2016, p. 21)

Diante disso, o presente trabalho aborda o Mucuripe, área tradicional de pesca de jangada em Fortaleza, com grande representação na música, na literatura, nas artes e no imaginário coletivo. Tem como objetivo dar a conhecer a área através dos processos históricos que gradativamente vulnerabilizaram sua população e sua paisagem cultural a partir das dinâmicas sociais, econômicas e políticas que agiram sobre seu território; e contribuir com reflexões que tragam olhar crítico sobre tais práticas contemporâneas, inserindo-se o interesse local como forma de valorização de comunidades pesqueiras.



## METODOLOGIA

Este é o resultado de pesquisa exploratória sobre apropriação urbana em projetos de urbanização litorânea e seu impacto em comunidades pesqueiras tradicionais. Para isso, procedeu-se com pesquisa bibliográfica e documental sobre a comunidade do Mucuripe, em Fortaleza, com breve estudo de caso do projeto arquitetônico para o Novo Mercado dos Peixes inaugurado em 2016 em Fortaleza, Ceará.

Da bibliografia, mostrou-se de grande relevância o livro *Da rua da frente à Beira-Mar – Histórias de Pescador* de Rachel Garcia (2010), cuja registro dos relatos de pescadores e moradores antigos do bairro do Mucuripe nos mostra a visão local sobre as mudanças que a região vem sofrendo ao longo dos anos. Destacamos também a relevância da obra *A produção do espaço – Ausência de integração das políticas públicas na zona costeira do município de Fortaleza/CE* de Cristina Maria Aleme Romcy (2013) que destaca, entre outras coisas, a ampliação das pesquisas sobre zonas costeiras, feitas anteriormente de forma reducionista e mecanicista, evoluindo para uma compreensão mais ampla, contemplando os valores sociais e econômicos interconectados com os recursos costeiros.

Para a compreensão da visão dos autores da obra arquitetônica analisada, recorreremos a fontes jornalísticas, e documentais, onde se registram as falas dos autores intelectuais do projeto do Mercado: o escritório Arcosanti Arquitetura. De forma a conhecer o ponto de vista de outros profissionais que atuam na área sobre o impacto de urbanizações em faixas de orla em comunidades pesqueiras, realizou-se, no dia 05 de abril de 2021, uma roda de conversa virtual, por meio da Plataforma *Google Meet*, com participação das arquitetas convidadas prof. Joisa Maria Barroso Loureiro, doutora em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ) e professora no curso de Arquitetura e Urbanismo UNIFOR); e da autora supracitada prof. Cristina Maria Aleme Romcy, doutora em Arquitetura e Urbanismo (Universidade Presbiteriana Mackenzie) e coordenadora do curso de Mestrado em Ciências da Cidade (UNIFOR),



## EVOLUÇÃO ESPACIAL E CONFLITOS CULTURAIS NO MUCURIPE: DA INVISIBILIDADE À VISIBILIDADE EXCLUDENTE

Localizada em Fortaleza, Ceará, a praia do Mucuripe compreende uma faixa de orla de aproximadamente 1,2 km. Considerado um dos “cartões postais” da capital cearense, é uma área conhecida tanto pelo potencial paisagístico quanto econômico (turístico e imobiliário). Conta com importantes elementos históricos e culturais, e abriga uma tradicional comunidade jangadeira (Figura 01).



**Figura 01: Mercado dos Peixes do Mucuripe – Localização, 2021.**

Fonte: foto de satélite disponível no *software* livre *Google Earth*, editado pelos autores.



Seu nome deriva da palavra tupi *Mukurype*, ou “rio dos bacurizeiros” (CABRAL, 2016, p. 45) provavelmente em referência ao atual Riacho Maceió que aí deságua. Apesar da importância histórica para a cidade, o Mucuripe e sua comunidade pesqueira poucas vezes foram considerados no desenho de Fortaleza. Ao contrário, o espaço, que chegou a ser constituído por uma vila de pescadores jangadeiros, tem vivenciado crescente invisibilidade institucional, pressões, remoções e descaracterização do seu território ao longo de sua existência.

O historiador Blanchard Girão<sup>4</sup> (1998, p. 19-20 *Apud* CABRAL, 2016, p. 45) aponta que o navegador espanhol Vicente Yañes Pinzón, no início de 1500, teria marcando o local com uma cruz e batizado a enseada como *Santa Maria de La Consolación*, passando a ser chamada também de *Rostro Hermoso*. Tal fato deu-se após um percurso marítimo pela costa norte brasileira, meses antes da chegada oficial portuguesa à Bahía (FARIAS, 2007) e antes da passagem de André Gonçalo Coelho na esquadra de Américo Vespúcio, em 1501 (CABRAL, 2016, p.45). Posteriormente, outro navegador espanhol, Diogo de Lepe, também teria chegado ao pontal do Mucuripe. Hoje, o nome de Pinzón, primeiro europeu que se tem registro em terras brasileiras, denomina um dos bairros de Fortaleza, resultantes do desmembramento do Bairro Mucuripe em 1997 (DIAS, 2009).

Segundo Farias (2007), em 1637, 126 homens holandeses teriam desembarcado no Mucuripe, sob o comando de George Gartsman. Eles firmaram um pequeno acampamento militar na região, que serviu de apoio antes de destacarem-se até o forte português do Rio Ceará, com a meta de expulsá-los. O embate resultou na vitória flamenca e desencadeou o processo de ocupação holandesa da orla cearense, que durou até 1654, garantida pela construção de seis fortificações, sendo uma delas às margens do Riacho Pajeú, o Forte *Schoonenborch*, que deu origem à cidade de Fortaleza, e duas delas na região do Mucuripe, um pequeno porto e um farol. (FARIAS, 2007).

Segundo Lima (2019), da expulsão dos holandeses por parte dos portugueses no século XVII até o século XIX pouco é mencionado sobre a região do Mucuripe nos registros históricos, além de alguns relatos sobre tentativas de invasão, das iniciativas de fortificação e amparo militar à região, e da presença indígena. O ano de 1826 faz-se importante por delimitar o início das obras de um dos bens de patrimônio cultural mais

---

<sup>4</sup> GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe**: de Pinzón ao Padre Nilson. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1998.



importante do Ceará: o Farol do Mucuripe. Construído em barroco tardio pelos engenheiros Júlio Álvaro Teixeira de Macedo e Luís Manuel de Albuquerque Galvão, o farol passou a funcionar oficialmente em 29 de julho de 1871 (LIMA, 2019).

Desenvolveram-se pequenos agrupamentos populacionais nos arredores do farol, sendo um destes próximo à foz do riacho Maceió. Esta comunidade em específico praticava a agricultura de subsistência, mas era na pesca de jangada que encontrava seu principal sustento. Durante muitos anos permaneceram alheios ao desenvolvimento econômico e cultural da cidade de Fortaleza, distante dali cerca de 5 km, sendo apenas conhecidos como “a vila dos pescadores do Mucuripe” (FARIAS, 2007).

Essa comunidade se dividia em dois pequenos centros habitacionais, à margem esquerda e à margem direita do riacho. Na margem direita se instalou em 1852 o símbolo da fé e primeiro templo religioso da comunidade: a Igrejinha de Nossa Senhora da Saúde, posteriormente Capela de São Pedro dos Pescadores (SECULT, 2017). Despontando entre as casas de palha que abrigavam as famílias de pescadores, foi por muitas décadas a única instituição existente na comunidade (Figura 02).



**Figura 02: Registro de membros da comunidade jangadeira da praia do Mucuripe, 1942.  
(Ao fundo, a Capela de São Pedro dos Pescadores)**

Fonte: NOBRE, 2011, editado pelos autores.



A enseada e a ponta do Mucuripe, ao contrário, despertam interesses econômicos desde o ano de 1870. Foi nesta data que se deu início o estudo da implantação do Porto do Mucuripe, com base no conhecimento dos ancoradouros ali existentes. As obras foram iniciadas apenas em 1886, mas o empreendimento não logrou sucesso. O mar bravio e a falta de arrecifes que protegessem as estruturas do porto resultaram na destruição do local em pouco tempo e o projeto foi abandonado (GARCIA, 2012).

O interesse na região foi retomado duas décadas depois, quando em 1891 foi aberto o ramal ferroviário Parangaba-Mucuripe (Figura 03), primeiro passo para retomada do projeto do porto, que serviria para escoamento da produção agrícola, principalmente a algodoeira do Ceará para o comércio exterior (NOBRE, 2011).



**Figura 03: Linha do ramal ferroviário Parangaba-Mucuripe, e ancoragem de jangadas**  
Fonte: Arquivo Nirez *Apud*: GARCIA, 2010.

Contudo, somente em 1908 se retoma, com novo projeto, a obra para o porto, mas é embargado no final do governo do Presidente Epitácio Pessoa (GARCIA, 2012). As exportações cearenses mantiveram-se, como desde o final do século XIX, no porto central localizado na Praia Formosa e na Praia do Peixe (hoje Praia de Iracema), e as tentativas de transformar a enseada do Mucuripe em um porto de exportação são suspensas por mais algumas décadas.

Em paralelo a esse processo, as comunidades locais, geração após geração, mantém suas atividades de subsistência pautadas principalmente na pesca por meio de



jangadas. Mas em fins do século XIX sua composição demográfica vivencia as primeiras alterações, com a chegada à vila de pescadores do Mucuripe de alguns trabalhadores para a obra da ampliação da malha ferroviária. Essa população passa a habitar a comunidade, devido à sua proximidade com os locais de obra.

Somente no início do século XX a administração pública se faz presente para a comunidade, com a criação da Colônia de Pescadores Z-8, que organiza e demarca sua área de atuação (SECULT, 2017). Nessa época a vila de pescadores recebe dois importantes marcos que passam a compor a paisagem cultural local: o cemitério São Vicente de Paula e a Igreja de Nossa Senhora da Saúde. Estes espaços delimitaram a noção espacial e social da comunidade, e até hoje estão presentes na região (NOBRE, 2011). O cemitério foi fundado em 1916 por iniciativa dos próprios moradores da vila, e por este motivo, hoje é conhecido como cemitério dos pescadores; e a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, de 1931, localizada em frente ao cemitério. Maior em suas proporções, a nova igreja contemplava uma pequena praça, mantida até hoje, onde os pescadores e demais moradores da vila passaram a fazer suas reuniões e festejos.

A presença da Igreja Católica no Mucuripe, além dos aspectos religiosos e culturais, influencia no desenho da própria orla, através da doação de terrenos próximos à Capela da praia para que pescadores pudessem construir habitações, moldando assim a “Rua da Frente”, principal área residencial do Mucuripe (GARCIA, 2010).

Vale ressaltar que a comunidade jangadeira do Mucuripe ainda hoje mantém vivas algumas das tradições religiosas que remontam a essa época, como a procissão de São Pedro dos Pescadores, que ocorre anualmente desde 1930, no dia 29 de junho (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016), e a Festa de Nossa Senhora da Saúde, que acontece desde 1931, entre 29 de agosto e 08 de setembro (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2014). E a primeira igreja, a Capela de São Pedro mantém-se também, desde a sua fundação, como ponto de encontro da comunidade para práticas religiosas, festejos e demais manifestações culturais.

Em 1930 são retomados os estudos para instalação do novo Porto de Fortaleza, novamente no Mucuripe. Em 07 de julho de 1938, através do Decreto-Lei 544, o então presidente Getúlio Vargas instituiu oficialmente a construção do Porto do Mucuripe (BRASIL, 1938). As obras da implementação do porto implicaram na manutenção e ampliação do antigo ramal ferroviário da área, inativo até então, e conseqüente nova



demanda por mão de obra. O período foi marcado por nova onda migratória vinda do interior para Fortaleza, em especial para a região do Mucuripe (NOBRE, 2011).

Segundo Jucá (2000), documentos jornalísticos apontam discursos negativos como consequência do aumento populacional de baixa renda para o espaço: aumento da violência e o surgimento da prostituição. Em contraposição à estigmatização midiática, relatos dos moradores mais antigos do Mucuripe destacam que apesar da precariedade, morar na região era agradável, muito diferente do cenário atual (GARCIA, 2010).

Com o começo das atividades do porto, na década 1950, iniciou-se o processo de industrialização da região, ocupando grandes parcelas de terra. Em destaque, a implementação da “Companhia do Serviço de Força e Luz de Fortaleza (Serviluz), utilizada pelos moradores como referência para situar a localidade” (MOSCOSO, 2010); da Fábrica de Asfalto de Fortaleza e também dos moinhos de trigo. Lima (2005, p. 110) destaca que “os equipamentos relacionados ao Complexo Portuário do Mucuripe foram, de certa forma, um atrativo adicional ao aumento populacional no Serviluz”. A atividade industrial atraiu nova leva de migrantes de zonas rurais e ocasionou o abandono da profissão da pesca por parte da nova geração, influenciada pelos discursos vigentes que relacionam a urbanização e a industrialização à melhoria de vida.

Na década de 1960, com o processo de expansão da orla de Fortaleza, o setor imobiliário passa a demonstrar interesse nas áreas habitadas por pescadores do Mucuripe. Por meio de influências junto a setores públicos, setores econômicos apropriam-se da ‘Rua da Frente’ com a implementação de obras para a “Avenida Beira-Mar”, configurando-se novas áreas de lazer para a cidade em expansão e, conseqüentemente, por empreendimentos residenciais e comerciais. Esse processo levou a uma mudança radical no perfil social e na paisagem cultural da área, que passou a ser gradativamente ocupada por edificações das classes média e alta da capital.

Relatos apontam que na gestão do general Cordeiro Neto (1959-1963), a prefeitura desapropriou imóveis, indenizou famílias e derrubou moradias (GARCIA, 2010). A autora ressalta que o desenho da via paisagística na orla do Mucuripe também resultou na retirada de pontos de jangada, reduzindo o ancoradouro à pequena faixa de praia à frente da Capela de São Pedro: a atual praia do Meireles compreendia os ancoradouros do Boi Choco e da Jurema; outros pontos de jangada encontravam-se na faixa que se estende da estátua de Iracema (próximo à foz do riacho Maceió) até o Iate Plaza Hotel; conforme depoimentos, os pescadores se reuniam no barracão da colônia



de pescadores, o último prédio da comunidade até sua demolição para implantação da avenida (GARCIA, 2010, p. 111).

Por outro lado, ainda nos anos 1960, foram criadas a Praça dos Pescadores e o Mercado dos Peixes do Mucuripe (GARCIA, 2010). O projeto do Mercado tinha como principal objetivo estruturar a feira de peixes ali existente, onde ocorria a venda diretamente nas jangadas ou em barraquinhas de madeira e palha. O partido arquitetônico buscava uma aproximação com a tradição da pesca de jangada, numa tentativa de inclusão da comunidade. A estrutura do mercado contava com pequenos boxes distribuídos em “L”, sendo integrada à Praça dos Pescadores e ao ancoradouro das jangadas. Ao longo das décadas a edificação recebeu algumas reformas para manutenção e adaptações no desenho dos boxes até sua conformação mais recente (Figura 04), tornando-se, a partir da década de 1990, um dos principais pontos de referência da cultura alimentar local na orla de Fortaleza.



**Figura 04: Praça dos Pescadores e Mercado dos Peixes do Mucuripe, 2013.**

Fonte: Site Rotaturísticas.com, 2013.

Marquez (2016) aponta que na primeira década de 2000 difundiu-se a percepção de que a forma da edificação bloqueava a visão do mar para quem estava no calçadão, e



que os donos de boxes usavam a praia apenas como área de serviço e higienização dos peixes. Além disso, se consolidou um mercado paralelo de peixes nos arredores do mercado, sem os devidos cuidados sanitários, evidenciando que o mercado já não atendia mais a demanda dos pescadores.

Sob tais justificativas, no ano de 2010 deu-se início o processo de “revitalização” da Avenida Beira-Mar, continuado durante a primeira e a segunda gestão do prefeito Roberto Claudio (2013-2020). Com orçamento de R\$ 231,9 milhões, a intervenção urbanística ampliou a área do calçadão com novo desenho paisagístico e reordenação viária (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016). Para tal, foram executados polêmicos aterros sobre o mar, levantando diversos questionamentos e debates quanto aos impactos urbanísticos e principalmente ambientais da proposta. A obra envolveu ainda mudanças estruturais marcantes na paisagem da orla da cidade, dentre as quais duas tiveram impacto direto sobre os jangadeiros: o redesenho da Praça dos Pescadores e a nova edificação do Mercado dos Peixes do Mucuripe.

Com orçamento inicial de R\$5 milhões, as obras do novo mercado tiveram início em 2013, resultando de uma parceria entre a Secretaria de Turismo de Fortaleza (Setfor) e o Ministério do Turismo (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016). O projeto de revitalização do espaço foi assinado pelos escritórios Arcosanti Arquitetura, Esdras Santos Arquitetura e Fausto Nilo Arquitetura e tinha o objetivo de promover o resgate ao consumo do pescado, incentivar o turismo e permitir a contemplação do mar (MARQUEZ, 2016). A proposta apontava como público-alvo os 2500 pescadores locais, responsáveis pelo abastecimento do mercado, e 200 funcionários do espaço.

De forma a atender as demandas por mobilização e organização dos pescadores, o projeto Mercado dos Peixes inclui, na sua área administrativa, um espaço destinado à Associação dos Permissionários, além de um espaço específico para pesagem de mercadorias e novo local de tratamento e higienização do pescado. Para atrair os turistas e demais frequentadores, foi incluído um espaço para pequenos eventos, espaço de banheiros e estacionamento para 40 veículos.

O arquiteto Ricardo Muratori, do escritório Arcosanti Arquitetura, relata que a idéia do grupo era aumentar o coeficiente de uso do espaço, promovendo atividades gastronômicas e de lazer nos períodos diurno e noturno. Sobre a intervenção na paisagem, o arquiteto afirma que a intenção era “[...] produzir um edifício com linguagem moderna, deixando de lado as características puramente praieiras, uma vez



que se trata de uma área extremamente urbanizada e cosmopolita da capital cearense” (MARQUEZ, 2016). O resultado foi uma edificação com boxes implantados de forma a se buscar proveito da ventilação natural, com destaque para a cobertura em estrutura metálica e brises de alumínio buscando amenizar a insolação, e da paginação de piso que mescla concreto (nas áreas de venda), madeira ecológica (na área de deck), além de piso cerâmico branco para atender as exigências sanitárias (Figura 05).



**Figura 05: Mercado dos Peixes do Mucuripe e Capela de São Pedro (detalhe), 2016.**

Fonte: MARQUEZ, 2016, editado pelos autores.

O novo Mercado dos Peixes do Mucuripe foi inaugurado em 18 de março de 2016, iniciando-se assim suas atividades (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016). A seguir, abordaremos alguns pontos necessários à discussão crítica que nos fazem refletir sobre a relação da arquitetura contemporânea com seu entorno.

## **DISCUSSÃO CRÍTICA: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA *VERSUS* COMUNIDADES TRADICIONAIS**

Como podemos perceber, a região do Mucuripe e sua população possuem particularidades culturais muito importantes para a história do território cearense. Contudo, tal população, e sua paisagem, têm estado à revelia das decisões e das ações públicas, sendo ignoradas e desconsideradas sua existência, seus direitos e sua própria



identidade cultural. Esse processo, vivenciado por gerações de moradores do Mucuripe, muito se assemelha aos descritos por Romcy (2013), porém de forma tardia ao que aconteceu nas áreas litorâneas centrais da cidade. O interesse pela conversão física e cultural da Praia do Peixe a Praia de Iracema, por exemplo, como área de veraneio no Centro da cidade nas décadas de 1930 e 1940 com posterior mercantilização do território (ROMCY, 2013; ALMEIDA, 2015), repetiu-se tardiamente no Mucuripe, nas décadas de 1960 e 1970. Tal processo deu-se com maior intensidade a partir dos investimentos em turismo de massa a partir da década de 1990 “sem um planejamento territorial e nem avaliação de impactos e riscos sobre a cultura e a qualidade de vida da população residente” (ROMCY, 2013, p.67). Em ambos os casos, é clara a

“[...] demanda da elite pelo litoral, [que] começou um processo de valorização de praias, de especulação imobiliária, de expulsão dos antigos moradores e de início dos conflitos pelo uso e ocupação da zona costeira.” [acréscimo nosso] (ROMCY, 2013, p.66)

A ausência de planejamento territorial, aliada a estratégias de *city marketing*, muito comuns no urbanismo contemporâneo, que se utilizam de “arquiteturas icônicas” para viabilização de investimentos urbanos (públicos ou público-privados), tem causado conflitos sociais para os moradores locais onde quer que se implantem. Como aponta o arquiteto Josep Maria Montaner, em seu livro *Arquitetura e Crítica*:

[...] toda grande obra é resultado de decisões políticas e do conflito entre os interesses privados e públicos, dos diversos grupos e operadores urbanos. [...] cada obra de arquitetura possui uma missão ideológica [...] a mesma cidade é o banco de provas e comparações mais eficaz [tradução nossa] (MONTANER, 2002, p. 19-20)

Para viabilizar a obra do Mercado dos Peixes, ocorrida entre os anos de 2013 e 2016, a edificação antiga foi demolida e os boxes de venda foram realocados temporariamente, desestruturando o comércio informal que dava suporte econômico a algumas famílias da região. Além disso, os boxes temporários e a necessidade de reorganização do comércio através da venda nas próprias jangadas (Figura 06) causaram desconforto aos comerciantes e aos usuários do espaço, pelo cheiro e inadequada gestão dos resíduos (CETV 1ª EDIÇÃO, 2015).



**Figura 06: Comércio informal de peixes na praia do Mucuripe, 2020.**

Fonte: Site OPovoonline.com.br, 2020

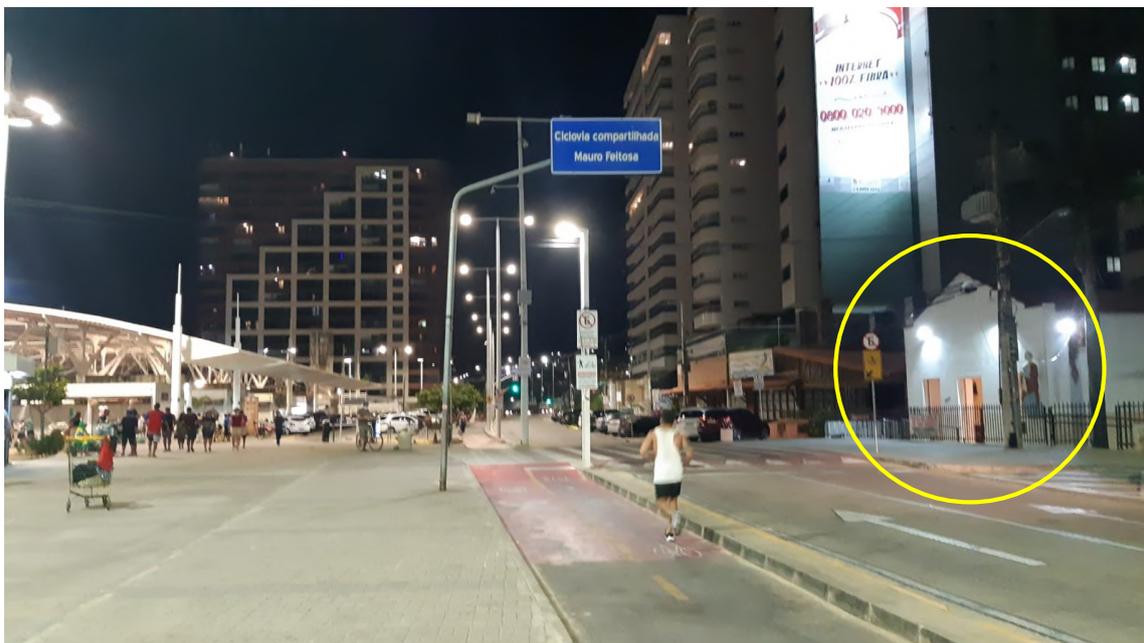
Além das críticas por se colocar como objeto de *marketing* urbano para promoção política, como citado anteriormente, e do impacto do tempo de obras sobre a economia formal e informal, o Mercado dos Peixes tem sido alvo de outras críticas, como registrado na mídia jornalística local. Tais críticas estão associadas a conflitos relacionados ao usufruto da edificação e dos espaços públicos por visitantes externos e moradores do entorno, inibindo o uso do espaço público pela comunidade de pescadores e pelos próprios permissionários dos boxes (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018).

A falta de identidade dos moradores locais com o espaço se dá pelas próprias características da arquitetura contemporânea, que tende a se colocar em disputa quanto a sua presença em um contexto cultural já de alteração e descaracterização da paisagem anteriormente consolidada dos primeiros ocupantes. Sua linguagem aproxima a edificação da arquitetura homogeneizada segundo parâmetros culturais internacionais, segundo intenções do próprio projeto (MARQUEZ, 2016), em claro contraste com o aspectos identitários do território local costeiro, contribuindo com a desconstrução dos laços culturais tradicionais com a paisagem e com a fragilização da economia popular local, ao se tentar inseri-la na lógica da economia global.

Sobre o atendimento às necessidades dos pescadores, o Mercado dos Peixes parece ter se resumido ao abrigo físico das atividade comercial local, perdendo-se a



oportunidade de se aproveitar a “revitalização da orla” e o investimento de grandes somas de recursos públicos em uma nova estrutura arquitetônica que melhor integrasse as novas territorialidades às características culturais locais. O que se viu foi uma intervenção que intencionalmente privilegia o modelo e a imagem da cidade concorrencial no contexto internacional, impondo-se sobre os aspectos culturais da comunidade local. O novo edifício “cosmopolita” distancia-se intencionalmente do seu caráter litorâneo e praieiro como também dos laços culturais que enriquecem o território, como os festejos e demais manifestações culturais da população do Mucuripe. Tal fato fica claro no programa de necessidades, que contempla, para os pescadores apenas espaços associativos, e ignora suas atividades, suas manifestações culturais e a integração com o contexto local e seu patrimônio arquitetônico. Um dos principais sinais dessa desconexão da arquitetura contemporânea com o território pode ser representado pela desvalorização de um dos principais marcos originais do Mucuripe, a Capela de São Pedro dos Pescadores, na paisagem da cidade e da arquitetura contemporânea (Figura 05 [detalhe] e Figura 07)



**Figura 07: Mercado dos Peixes do Mucuripe e a Capela de São Pedro dos Pescadores, 2021.**

Foto: Edmar Mendes. Fonte: Autoria própria, 2021

Apesar do Mercado dos Peixes atrair visitantes de vários bairros da cidade e turistas, e o espaço apresentar certo dinamismo econômico, o fluxo de pessoa hoje é considerado moderadamente baixo. Além do cenário da pandemia de COVID-19, aspectos relacionados não apenas à arquitetura, como explanado até aqui, mas à



administração do equipamento, nomeadamente quanto a gestão dos resíduos e a manutenção do espaço, mostra-se presente nas críticas publicadas no meio jornalístico local, impactando na qualidade do espaço, no poder de atração de público e conseqüentemente nas vendas em relação ao esperado pelos pescadores, que responsabilizam a gestão do espaço (BORGES, 2021).

O mais recente conflito dos permissionários com a gestão do equipamento está associado à desconexão dos novos usos propostos em relação à atividade pesqueira. As queixas estão relacionadas à nova obra, iniciada em 2021, que planeja acrescentar uma área de bar, arrendada por uma cervejaria, com foco num público de maior renda. Além da evidente desconexão direta com os fins iniciais do Mercado dos Peixes, tal perfil de freqüentadores implicaria na mudança de serviços e fornecedores para os boxes, com a necessidade de adaptação dos atuais permissionários à nova atividade, a qual não possuem conhecimento (*know-how*). Isso resultaria em renúncia dos boxes pelos pescadores, beneficiando investidores interessados nos pontos comerciais alheios à associação de pescadores, ou em impactos financeiros junto aos permissionários atuais, em virtude do custo de adaptação (conhecimento, equipamentos, serviço e afins) e da tentativa de rateio dos custos (TOSI, 2021).

Nas implicações ambientais, observa-se o impacto da obra do Mercado dos Peixes quanto geradora de poluentes e sujeira na região, potencializado pelas denúncias de clientes e permissionários de má gestão no manejo dos resíduos. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018). Além disso, do ponto de vista da poluição urbana, o estacionamento no local aumentou o fluxo e a apropriação da área por veículos, e conseqüentemente aumentou também a emissão de poluentes na zona.

Diante de toda a discussão aqui explanada, podemos compreender que, apesar de estar se consolidando como espaço de visitação na orla, o projeto do Mercado dos Peixes divide opiniões não apenas quanto à sua arquitetura mas também quanto à sua gestão e funcionalidade. Destaca-se a insatisfação da comunidade jangadeira diante de tais impactos sociocultural e ambiental que parecem distantes de serem solucionados.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada neste trabalho, é possível dizer que, de maneira geral, o novo Mercado dos Peixes configura-se em uma ferramenta de viabilização econômica para atividades turísticas e valorização imobiliária, mas com pouco potencial integrador local. A iniciativa do projeto, em diversos contextos, mostra-se eficiente para a economia da cidade, ampliando a visibilidade turística do Mucuripe e o fluxo de frequentadores durante todo seu horário de funcionamento. Porém, a questão espacial que envolve as necessidades dos pescadores e os interesses dos agentes promotores do projeto (poder público municipal e seus parceiros políticos e econômicos) mostra-se conflituosa. O discurso oficial apresenta o Mercado dos Peixes como um equipamento urbano moderno, capaz de unir à nova economia global a cultura tradicional da pesca de jangada do Mucuripe, valorizando-a para o público externo à comunidade, em especial o turístico. O que se percebe é a mesma tendência histórica de atuação do poder público e dos interesses econômicos na região de constante invisibilidade da comunidade. Esta é mais uma intervenção segregadora, que ignora os princípios do direito à cidade e principalmente da gestão democrática e participativa definidas na política urbana nacional expressa na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Cidade.

Como forma de enfrentar essa tendência, a arquitetura deve contemplar, em seus planos e projetos, ferramentas efetivas (e não apenas de discurso) de valorização das culturas tradicionais da pesca como potencial integrador e viabilizador do desenvolvimento econômico local. O que se vê, porém, é que a arquitetura contemporânea tende a contribuir com a fragmentação e a financeirização da cidade, buscando integrá-la à rede global, desconectando-a dos recortes territoriais onde se inserem. Isso reforça as vulnerabilidades históricas quando deveria se buscar estreitar as relações do equipamento arquitetônico com a economia e a tradição pesqueira local.

O contexto pandêmico causado pela COVID-19 tornou mais visível esse processo de fragilização, quando observamos as políticas urbanas que focam nas questões econômicas à escala internacional, e não à escala local. Ao se desvalorizar gradativamente, ao longo das décadas, a economia tradicional e popular, e ao se buscar um único pilar de sustentação econômica, o turismo, percebe-se uma visão limitada da realidade e do próprio mundo global e complexo que vivenciamos. Como equipamento



urbano focado mais no turismo do que na economia local, o Mercado dos Peixes sofre grande impacto em tempos de crise como a vivenciada atualmente. Para pensarmos o futuro, recorremos por fim às palavras do geógrafo argentino Pablo Ciccolella (2012):

O desafio é como construir um discurso, conceitos e instrumentos analíticos e operativos alternativos que podem evitar o “canto da sereia” do chamado “pensamento único” sobre a cidade e o planejamento urbano. [...] devemos refutar criticamente o conceito de competitividade como único caminho possível ao desenvolvimento e incorporar às nossas análises e discursos, conceitos igualmente operativos e concretos, mas de significado bem diferente, como complementariedade, cooperação e solidariedade [...] [tradução nossa] (CICCOLELLA, 2012, p. 18)

Empreendimentos como o Mercado dos Peixes do Mucuripe precisam ser devidamente pensados, de modo participativo, atentos aos objetivos que costumam aparecer nos discurso político que tentam justificar tais empreendimentos, mas raramente efetivados: a integração das intervenções arquitetônicas e urbanísticas com a paisagem, a economia e as tradições culturais das comunidades locais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A. Segregação urbana na contemporaneidade: o caso da Comunidade Poço da Draga na cidade de Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2015.

BORGES, G. Baixa movimentação no Mercado dos Peixes é o retrato da crise sanitária. **O Povo Online**, 01 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/04/01/baixa-movimentacao-no-mercado-dos-peixes-e-o-retrato-da-crise-sanitaria.html>>. Acesso em: 02 mai. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei 544, de 7 de julho de 1938. Modifica o decreto nº 23.606, de 20 de dezembro de 1933, na parte referente à construção do porto em Fortaleza, e dá outras providências. Rio de Janeiro: [s.n.], 1938.** Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-544-7-julho-1938-350884-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

CABRAL, S. N. **A experiência da educação patrimonial no grupo Enxame – O Mucuripe conta sua cultura a partir de suas juventudes.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.



CETV 1ª EDIÇÃO. Obra do Mercado dos Peixes de Fortaleza se arrasta há quase dois anos. **CETV 1ª Edição**, 27 fev. 2015. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3998033/>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

CICCOLELLA, P. Revisitando la metrópolis Latinoamericana más allá de la globalización. **Revista Iberoamericana de Urbanismo**. N.8. Barcelona: RiURB, 2012. ISSN 2013-6242.

CPP. **Conflitos Socioambientais e Violações de Direitos Humanos em Comunidades Tradicionais Pesqueiras**. CPP – Conselho Pastoral dos Pescadores: Brasília, 2016. p. 104. ISBN 978-85-60917-56-3.

DIAS, N. C. **Espacialidade e territorialidade da violência nas áreas litorâneas de Fortaleza, Ceará**: Bairro do Serviluz em foco. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2009

DIÁRIO DO NORDESTE. Clientes e permissionários reclamam de sujeira no Novo Mercado dos Peixes. **Diário do Nordeste**, 08 nov. 2018. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/clientes-e-permissionarios-reclamam-de-sujeira-no-novo-mercado-dos-peixes-1.2023904>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

FARIAS, A. D. **História do Ceará**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007.

FORTALEZA. Prefeitura de Fortaleza ordena festa de Nossa Senhora da Saúde. **Prefeitura de Fortaleza**, 2014. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-ordena-festa-de-nossa-senhora-da-saude>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FORTALEZA. Prefeito Roberto Cláudio entrega novo Mercado dos Peixes. **Prefeitura de Fortaleza**, 18 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeito-roberto-claudio-entrega-novo-mercado-dos-peixes>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

GARCIA, F. Bairros de Fortaleza: Mucuripe. **Blog Fortaleza em Fotos**, 2012. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2012/07/bairros-de-fortaleza-mucuripe.html>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

GARCIA, R. **Da Rua da Frente à Beira-Mar - Histórias de Pescador**. Fortaleza: La Barca Editora, 2010. ISBN 978-85-64179-00-4.

JUCÁ, G. N. M. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2000. ISBN 978-8574191430.

LIMA, E. L. V. **Das areias da praia às areias da moradia**: um embate social em Fortaleza. Universidade de Fortaleza. Fortaleza. 2005.

LIMA, E. O Farol do Mucuripe - 148 Anos. **Blog do Eliomar**, 2019. Disponível em: <http://blogdoeliomar.com.br/2019/07/23/farol-do-mucuripe-148-anos>. Acesso: 21 abr. 2021.



MARQUEZ, A. Mercado dos Peixes - Comercial. **Galeria da Arquitetura**, 2016. Disponível em: <[https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/arcosanti-arquitetura\\_esdras-santos-arquitetura-e-urbanismo\\_fausto-nilo-arquitetura\\_/mercado-dos-peixes/4357](https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/arcosanti-arquitetura_esdras-santos-arquitetura-e-urbanismo_fausto-nilo-arquitetura_/mercado-dos-peixes/4357)>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MONTANER, J. M. **Arquitectura y crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002

MOSCOSO, L. A Simplicidade do Serviluz. **Diário do Nordeste**, 10 fev. 2010. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/a-simplicidade-do-serviluz-1.734754>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

NOBRE, L. Estação Ferroviária do Mucuripe. **Fortaleza Nobre**, 2011. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2011/09/estacao-ferroviaria-do-mucuripe.html>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ROMCY, C. M. A. **A Produção do Espaço**: ausência de integração das políticas públicas na zona costeira do Município de Fortaleza. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.

SECULT. Igreja de São Pedro dos Pescadores. **Mapa Cultural do Ceará**, 2017. Disponível em: <<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/251/>>. Acesso em: 21 abr. 2021

TOSI, M. Impasse gera conflito entre administradora e permissionários no Mercado dos Peixes. O POVO ONLINE, 07 jul. 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/07/07/impasse-gera-conflito-entre-administradora-e-permissionarios-no-mercado-dos-peixes.html>>. Acesso em: 04 set. 2021.